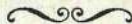


— Vicente, sinto-me envergonhado de receber o louvor dos poderosos que desprezam os fracos, dos homens válidos que não trabalham, dos felizes que abandonam os infortunados...

O interlocutor sensível nada mais ouviu. Cérebro em turbilhão, desmaiou, ali mesmo, diante da assembleia intrigada, sendo imediatamente substituído, e, febril, delirou alguns dias, prisioneiro de visões que ninguém entendeu.

Quando se levantou da incompreendida enfermidade, vestiu-se com a túnica da pobreza, trabalhando incessantemente na caridade, até ao fim de seus dias.

Os adoradores do templo, entretanto, continuaram agradecendo os troféus de sangue, ouro e mentira, diante do mesmo altar e afirmaram que Vicente de Paulo havia enlouquecido.



## A lição do discernimento

Finda a cena brutal, em que o povo pretendia lapidar a mulher infeliz, na praça pública, Pedro, que seguia o Senhor, de perto, interpelou-o, zelosamente:

— Mestre, desculpando os erros das mulheres que fogem ao ministério do lar, não estaremos oferecendo apoio à devassidão? Abrir os braços no espetáculo deprimente que acabámos de ver não será proteger o pecado?

Jesus meditou, meditou... e respondeu:

— Simão, seremos sempre julgados pela medida com que julgarmos os nossos semelhantes.

— Sim — clamou o apóstolo, irritado —, compreendo a caridade que nos deve afastar dos juízos errôneos, mas porventura conseguiremos viver sem discernir? Uma pecadora, trazida ao apedrejamento, não perturbará a tranquilidade das famílias? não representará um quadro de lama para as crianças e para os jovens? não será uma excitação à prática do mal?

Ante as duras interrogações, o Messias observou, sereno:

— Quem poderá examinar agora o acontecimento, em toda a extensão dele? Sabemos, acaso, quantas lágrimas terá vertido essa desventurada mulher até à queda fatal no grande infortúnio? Quem terá dado a esse pobre coração feminino o primeiro impulso para o despenhadeiro? E quem



sabe, Pedro, essa desditosa irmã terá sido arras-tada à loucura, atendendo a desesperadoras neces-sidades?

O discípulo, contudo, no propósito de exaltar a justiça, acrescentou:

— De qualquer modo, a corrigenda é inadiável imperativo. Se ela nos merece compaixão e bon-dade, há então, noutros setores, o culpado ou os culpados que precisamos punir. Quem terá provo-cado a cena desagradável a que assistimos? Geral-mente, as mulheres desse naípe são reservadas e fogem à multidão... Que motivos teriam trazido essa infeliz ao clamor da praça?

Jesus sorriu, complacente, e tornou:

— Quem sabe a pobrezinha andaria à procura de assistência?

O pescador de Cafarnaum acentuou, contra-riado:

— O responsável devia expiar semelhante de-lito. Sou contra a desordem e na gritaria que pre-senciamos estou convencido de que o cárcere e os açoites deveriam funcionar...

Nesse ponto do entendimento, velha mendiga que ouvia a conversação, caminhando vagarosamen-te, quase junto deles, exclamou para Simão, sur-preendido:

— Galileu bondoso, herdeiro da fé vitoriosa de nossos pais, graças sejam dadas a Deus, nosso Po-deroso Senhor! A mulher apedrejada é filha de minha irmã paralítica e cega. Moramos nas vizi-nhanças e vinhamos ao mercado em busca de ali-mento. Abeirávamo-nos daqui, quando fomos assal-tadas por um rapaz que, depois de repellido por ela, em luta corpo a corpo, saiu a indicá-la ao povo para a lapidação, simplesmente porque minha infeliz sobrinha, digna de melhor sorte, não tem tido até hoje uma vida regular... Ambas estamos fe-ridas e, com dificuldade, tornaremos para a casa... Se é possível, galileu generoso, restabelece a ver-dade e faz a justiça!

— E onde está o miserável? — gritou Simão, enérgico, diante do Mestre, que o seguia, bondoso.

— Ali!... Ali!... — informou a velhinha, com o júbilo de uma criança reconduzida repentinamen-te à alegria. E apontou uma casa de peregrinos, para onde o apóstolo se dirigiu, acompanhado de Jesus que o observava, sereno.

Por trás de antiga porta, escondia-se um ho-mem, trêmulo de vergonha.

Pedro avançou de punhos cerrados, mas, a bre-ves segundos, estacou, pálido e abatido.

O autor da cena triste era Efraim, filho de Jafar, pupilo de sua sogra e comensal de sua pró-pria mesa.

Seguira o Messias com piedosa atitude, mas Pedro bem reconhecia agora que o irmão adotivo de sua mulher guardava intenção diferente.

Angustiado, em lágrimas de cólera e amargu-ra, Simão adiantou-se para o Cristo, à maneira do menino necessitado de proteção, e bradou:

— Mestre, Mestre!... Que fazer?!...

Jesus, porém, acolheu-o amorosamente nos bra-ços e murmurou:

— Pedro, não julguemos para não sermos jul-gados. Aprendamos, contudo, a discernir.

